

Utilização de rubricas na avaliação da aprendizagem: percepção de professores(as) da Educação Básica

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2023.21.2.6986>

Caroline Pugliero Coelho¹, Renata Godinho Soares², Adriana Fagundes Greco³, Raquel Ruppenthal⁴

Resumo: Para a eficácia do processo de ensino-aprendizagem a avaliação é necessária e tem uma importante participação ao conceituar o desenvolvimento dos alunos. Para uma avaliação justa que contemple tanto os objetivos da aprendizagem quanto às potencialidades dos alunos, faz-se necessária a utilização de vários instrumentos. Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada com professores de diversas localidades brasileiras sobre a temática avaliação e suas percepções sobre o uso de rubricas como instrumento deste processo. O objetivo deste estudo é identificar como os professores percebem a utilização das rubricas como uma estratégia para a avaliação somativa. A pesquisa exploratória, de caráter descritivo e qualitativo, foi realizada a partir de um curso de extensão com a temática avaliação para professores da educação básica. Após análise e discussão, fica evidente que a percepção dos docentes descreve muitos benefícios refletidos quando as rubricas são utilizadas dentro do processo avaliativo.

Palavras-Chave: Avaliação da Aprendizagem; Avaliação Somativa; Formação de Professores; Processo de Ensino-Aprendizagem.

Use of rubrics in learning assessment: perception of Basic Education teachers

Abstract: For the effectiveness of the teaching-learning process, assessment is necessary and plays an important role in conceptualizing student development. For a fair assessment that contemplates both the learning objectives and the potential of the students, it is necessary to use several instruments. This work presents a research carried out with teachers from different Brazilian locations on the subject of evaluation and their perceptions about the use of rubrics as an instrument of this process. The aim of this study is to identify how teachers perceive the use of rubrics as a strategy for summative assessment. The exploratory research, descriptive and qualitative, was carried out from an extension course with the theme of evaluation for teachers of basic education. After analysis and discussion, it is evident that the perception of teachers describes many benefits reflected when rubrics are used within the assessment process.

Keywords: Learning Assessment; Summative Evaluation; Teacher Training; Teaching-Learning Process.

Introdução

O processo avaliativo é de extrema importância para o desenvolvimento do “macro” processo de ensino-aprendizagem. A “avaliação é essencial à educação no seu sentido de problematização, de busca, de constante desequilíbrio, de dúvida” (HOFFMAN, 2013, p. 57). Ao mesmo tempo que ela é essencial, ainda há muitas

¹ Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. E-mail: carolinepuglierocoelho@gmail.com

² Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. E-mail: renatasoares1807@gmail.com

³ Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. E-mail: adrianafgreco25@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. E-mail: raquelruppenthal@unipampa.edu.br

discussões sobre como se deve aplicá-la para evidenciar seus benefícios, bem como a necessidade de desvincular a imagem das avaliações, como um processo de julgamento e de classificação dos avaliados.

Esse aspecto de classificação muito é refletido ou associado aos modelos/instrumentos da avaliação do tipo somativa. Porém, o ato de avaliar é um processo de extrema complexidade, no qual se objetiva entender o desenvolvimento da aprendizagem do aluno de forma que seja possível intervir de maneira construtiva para ele. Andriola e Araújo (2018) explicam que a tarefa de avaliar é difícil, mas não é impossível de ser realizada. Mas para isso, é necessário modificar o pensamento geral dos sujeitos envolvidos no processo.

Os diversos formatos de avaliação (diagnóstica, formativa e somativa) demonstram a importância de observar as diferentes esferas que devem ser analisadas durante o processo avaliativo. Os objetivos desses formatos avaliativos são diferentes, mas é essencial que, em dado momento, aconteça a interconexão delas, a fim de potencializar o processo como um todo. Demo (2010) esclarece que o processo avaliativo só fará sentido se desenvolver a aprendizagem do aluno, e essa aprendizagem só pode ser conhecida por meio da avaliação.

A avaliação detém, conforme Demo (2010), duas funções essenciais: a função de diagnóstico e a função de prognóstico. Sobre essas funções Andriola e Araújo (2018, p. 6) explicam que:

A função diagnóstica, como o próprio nome sugere diz respeito à capacidade de mostrar a realidade da maneira mais fidedigna possível, desnudando os problemas e trazendo à tona o que muitas vezes não é facilmente identificado. Já a função prognóstica, diz respeito ao compromisso de intervir a partir do diagnóstico apresentado. Trata-se de um compromisso, sobretudo no contexto escolar, porque se deve levar em consideração a obrigação ética e profissional do docente em garantir o aprendizado do aluno.

A avaliação somativa faz parte do cotidiano de alunos e professores. Muitas redes de ensino utilizam o valor numérico em formas de “boletins” para expressar o rendimento da aprendizagem do aluno em dado período de tempo (bimestres, trimestres ou semestres). Comumente, ocorre no final desses períodos, com o objetivo de avaliar a aprendizagem do aluno, seu desenvolvimento e assimilação. Esse tipo de avaliação tem por objetivo identificar qual foi o alcance dos objetivos da aprendizagem, bem como certificar (através da nota numérica) as conquistas obtidas pelos alunos (MOURÃO, 2019).

Para uma avaliação justa, que contemple tanto os objetivos da aprendizagem quanto às potencialidades dos alunos, faz-se necessária a utilização de vários instrumentos, o que demanda reflexão e planejamento por parte do professor. Uma estratégia interessante para se utilizar como instrumento avaliativo são as rubricas. Segundo Vernier *et al.* (2018, p. 5) “as rubricas são meios de avaliação ou autoavaliação, geralmente apresentada na forma de tabelas, construídas e modificadas com base nas habilidades, competências e atitudes que se deseja avaliar nos alunos ou professores”. Uma das funções do processo avaliativo utilizando rubricas é possibilitar ao estudante o acompanhamento da sua aprendizagem no decorrer do processo de ensino.

Os processos de avaliação de aprendizagem também são mais amplos e explicitam as relações entre habilidades cognitivas e competências socioemocionais. A avaliação é um processo contínuo, flexível, que acontece de várias formas. [...] avaliação por rubricas - competências pessoais, cognitivas, relacionais, produtivas (MORAN, 2017, p.05).

Nesse sentido, este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com professores de diversas localidades brasileiras (RS, SC, PR, MG, entre outros) sobre a temática avaliação e suas percepções acerca do uso de rubricas como instrumento avaliativo do processo de ensino-aprendizagem. Essa pesquisa se deu a partir de um curso de extensão oferecido no período pandêmico, de maneira remota e *online*.

Avaliação somativa

Avaliação somativa (ou somatória) é um dos tipos de avaliação que apresenta objetivos específicos dentro do processo avaliativo. Essa se caracteriza pela soma de vários instrumentos avaliativos, o que expressa uma nota (valor numérico) para dado período de tempo (bimestre, trimestre ou semestre). Tal nota deve refletir o desenvolvimento das aprendizagens do aluno (WACHOWICZ; RAMANOWSKI, 2003; KRAEMER, 2005; GIL, 2006; MOURÃO, 2019).

Mourão (2019) explica que a avaliação do tipo somativa é, em geral, um tipo da avaliação “da” aprendizagem do aluno, ou um diagnóstico do seu desempenho em um período estipulado. A expressão numérica (nota) demonstra a progressão do aluno. Muito conhecida como prova, teste ou exame, a avaliação somativa normalmente é aplicada ao final de um período determinado.

Muitas vezes a avaliação somativa está intimamente ligada com a visão tradicional de ensino e avaliação. Freitas *et al.* (2014, p. 88) salientam que nesta visão “o professor restringe a avaliação a um instrumento de controle que é utilizado para medir

os conteúdos memorizados pelo aluno”. Nesta perspectiva, o controle avaliativo se reflete na mera classificação, imposição de medo e controle. Conforme Luckesi (2011) dessa forma o instrumento acaba perdendo sua função dentro do processo avaliativo e passa a ser utilizado como meio de intimidação, controle social e punitivo.

A partir da visão dos autores supracitados, pode-se desvincular a visão tradicional atrelada à avaliação somativa. Para isso, no momento em que o professor planeja suas atividades e avaliações deve ter o cuidado para que a prática avaliativa não cause prejuízos aos processos de ensino-aprendizagem do aluno. Taras (2010, p. 126) assinala que a avaliação somativa não expressa apenas fatores negativos, no entanto, “o problema reside nas implicações e práticas distorcidas, as quais datam de milênios”. A avaliação, independentemente do tipo, deve ser um processo contínuo e constante do aluno, um processo que analisa o progresso e desenvolvimento do aprendizado deste (MOURÃO, 2019).

Hoffmann (2012, p. 13) salienta que “avaliar não é julgar, mas acompanhar um percurso de vida da criança, durante o qual ocorrem mudanças em múltiplas dimensões, com intenção de favorecer o máximo possível seu desenvolvimento”. Avaliação somativa não precisa ser associada apenas a conotação de julgamento, interligada com a aplicação de exames e provas, mas pode ir além, envolvendo outras atividades como “participação em aulas, trabalhos em grupo, trabalhos em pares, rubricas de observação” (MOURÃO, 2019, p. 07). Considerando o anteriormente exposto, é possível utilizar uma avaliação justa, importante e positiva dentro da jornada de aprendizagem do aluno.

Rubricas na educação

As rubricas utilizadas como instrumento de avaliação, permitem avaliar o progresso e desempenho dos alunos por meio de critérios claros, específicos e objetivos. As rubricas podem ser conceituadas ou definidas de diversas maneiras. Para Ludke (2003, p. 74) “as rubricas partem de critérios estabelecidos especificamente para cada curso, programa ou tarefa a ser executada pelos alunos e estes eram avaliados em relação a esses critérios”. Na mesma linha, Vernier et al. (2018, p. 05) define rubricas como “meios de avaliação ou autoavaliação, geralmente apresentada na forma de tabelas, que são construídas e modificadas com base nas habilidades, competências e atitudes que se deseja avaliar nos alunos ou professores”. Para Biagiotti (2005, p. 02) as rubricas podem ser entendidas como:

[...] esquemas explícitos para classificar produtos ou comportamentos, em categorias que variam ao longo de um contínuo. Podem ser usadas para classificar qualquer produto ou comportamento, tais como redações, ensaios, trabalhos de pesquisa, apresentações orais e atividades. A avaliação pode ser feita pelos próprios estudantes, ou por outros, como professores, outros alunos, supervisores de trabalho ou revisores externos. Rubricas podem ser usadas para prover feedback formativo dos alunos, para dar notas ou avaliar programas.

Avaliar utilizando rubricas traz para o processo de ensino-aprendizagem muitos pontos positivos. Além de tornar os alunos protagonistas do seu processo de aprendizagem, elas facilitam a atribuição de notas, diversificando os instrumentos avaliativos no método somativo. Além disso, na avaliação sobre aquisição de competências e habilidades pelos alunos, as rubricas são os instrumentos mais adequados (VERNIER *et al.*, 2018), pois permitem perceber as nuances/níveis de habilidades que os alunos dominam e, desta forma, propor as atividades adequadas para que o aluno as desenvolva.

As rubricas apresentam características muito marcantes, que devem ser observadas em seu planejamento, pois do contrário se tornam improdutivas e limitadas, se resumindo apenas a mais uma ferramenta avaliativa. O autor Biagiotti (2005) aponta algumas de suas características como, por exemplo: facilidade; objetividade; granularidade; gradativa; transparência; herança; associação; reutilização; padronização; clarificação. Dentre estas, destacam-se:

- facilidade – com as rubricas torna-se fácil avaliar trabalhos complexos;
- objetividade – pelas rubricas conseguimos avaliar de uma forma objetiva, acabando com toda aquela aura de subjetividade que os professores gostam de imprimir à avaliação;
- transparência – as rubricas conseguem tornar o processo de avaliação tão transparente a ponto de permitir ao aluno o controle do seu aprendizado;
- associativa – a rubrica associa à avaliação de desempenho apresentada pelo aluno, para verificar se a partir do programa do curso, os objetivos pretendidos foram alcançados;
- clarificação – a rubrica nos ajuda a clarificar nossas expectativas se a utilizarmos como um meio de comunicação com os alunos (BIAGIOTTI, 2005, p. 03-04).

A partir destas características fica evidente os benefícios associados a utilização das rubricas dentro do processo de avaliação. Em relação ao processo de avaliação somativa, em específico, é uma forma ativa e diferenciada de avaliar o desenvolvimento do aluno. Cruz e Nunes (2009, p. 04) ressaltam que “as rubricas orientam os alunos a assumirem a responsabilidade sobre sua própria aprendizagem, motivando-os a participar das atividades e gerenciar seus percursos”. Percebe-se pelo exposto que há diversas potencialidades na utilização das rubricas como instrumento de avaliação.

Metodologia

Este estudo se caracteriza por uma pesquisa exploratória, de caráter descritivo e qualitativo, realizada a partir de um curso de extensão com a temática avaliação. Este foi ofertado a professores da educação básica de todas as áreas de ensino na forma *online*, com periodicidade semanal e carga horária final de 40 horas. O curso contemplou o total de 193 inscritos (93 inscritos da rede municipal, 17 da rede estadual, 05 da rede privada e 80 externos), sendo que destes foram homologados 60 professores para participação efetiva no curso. Essa escolha se deu para que fosse possível prover atendimento individualizado aos cursistas. As inscrições foram amplamente divulgadas nas redes sociais, sendo que professores de vários estados do Brasil, como por exemplo Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Minas Gerais efetivaram sua participação

O curso foi estruturado em quatro módulos, cada um com dois encontros síncronos com duração de 2 h e atividades assíncronas, disponibilizadas no *Google Classroom*. A figura 1 mostra o cronograma do curso, que aconteceu entre 16 de julho e 03 de setembro do ano de 2020. O último módulo buscou discutir e apresentar possibilidades para realizar a avaliação somativa.

Figura 1: Cronograma do curso “Avaliação: e agora?”

O cronograma do curso "Avaliação: e agora?" é apresentado em uma grade de 2x4 encontros. O curso é organizado em quatro módulos, cada um com dois encontros síncronos de 2 horas e atividades assíncronas no Google Classroom. O curso ocorreu entre 16 de julho e 03 de setembro de 2020. O último módulo buscou discutir e apresentar possibilidades para realizar a avaliação somativa.

CURSO		Avaliação: e agora?	
ESTRATÉGIAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA		ESTRATÉGIAS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA	
ENCONTRO 1 16 DE JULHO	ENCONTRO 2 23 DE JULHO	ENCONTRO 3 30 DE JULHO	ENCONTRO 4 06 DE AGOSTO
Planejamento e Avaliação	Planejamento e Avaliação	Avaliação Diagnóstica	Avaliação Diagnóstica
ENCONTRO 5 13 DE AGOSTO	ENCONTRO 6 20 DE AGOSTO	ENCONTRO 7 27 DE AGOSTO	ENCONTRO 8 03 DE SETEMBRO
Avaliação Formativa	Avaliação Formativa	Avaliação Somativa	Avaliação Somativa

Fonte: As autoras (2020)

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário, elaborado via *Google Forms* e disponibilizado através da plataforma *Google Classroom* para os cursistas no início do quarto módulo do curso (avaliação somativa). Neste instrumento abordou-se especificamente aspectos relacionados a utilização de rubricas como instrumento para avaliação somativa. Nessa perspectiva, os docentes responderam as questões relativas ao curso atrelados a sua própria percepção sobre a temática.

Os dados obtidos foram analisados a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Para a autora, o processo de codificação é atrelado a um recorte da pesquisa, essa codificação pode ser um tema, uma palavra ou, até mesmo, uma frase. Dentro da análise de conteúdo, respaldou-se na codificação do tema que consiste em identificar e relatar padrões temáticos que emergem dos dados analisados, de forma a organizar e descrever um conjunto de dados de maneira mais aprofundada. Para a exposição de alguns relatos foram utilizadas as iniciais dos cursistas, com texto destacado em modo itálico.

Resultados e discussão

O curso de extensão com a temática “Avaliação” teve a inscrição de professores de diversos estados brasileiros (RS, SC, PR, MG, entre outros). Os resultados expressos nesta pesquisa se referem ao módulo 4, que abordou a temática “Avaliação Somativa”. Este foi composto de dois encontros síncronos (2h cada) e atividades assíncronas postadas na plataforma *Google Classroom*. Um questionário, enviado aos cursistas após discussão no encontro síncrono “Avaliação Somativa: ferramentas e estratégias”, foi utilizado para esta análise e discussão.

Inicialmente, a partir das respostas dos cursistas sobre o uso ou conhecimento das rubricas como ferramenta de avaliação, ficou notável que a maioria já as conhecia, mas nem todos faziam uso ativo destas em sala de aula. Alguns professores relataram desconhecimento e demonstraram interesse na sua aplicação. Abaixo, algumas considerações dos cursistas.

F.B.S. - Pode ser uma estratégia para enfrentar as diversas barreiras na escola como a indisciplina, desinteresse dos alunos.
M.L.J. - Após a leitura refletir sobre esta possibilidade de utilizar em minhas aulas.

Ferraz (2019, p. 28) esclarece que “currículo e avaliação, no processo de ensino e aprendizagem, devem caminhar juntos, apresentando clareza quanto ao que se pretende

e, para avaliar, o professor deve utilizar diversos instrumentos, fontes e estratégias”. Segundo Camargo *et al.* (2019), a motivação na educação é uma expressão inata de curiosidade; um desejo de aprender; uma manifestação de propósito e paixão que cada pessoa carrega dentro de si. A motivação na sala de aula está intrinsecamente relacionada ao processo de ensino-aprendizagem tanto para o aluno quanto para o professor, podendo influenciar no desempenho em sala de aula e na forma com que o conteúdo é apreendido. Dessa forma, as percepções dos cursistas F.B.S. e M.L.J. podem indicar que os mesmos visualizaram possibilidades na utilização das rubricas.

Para autores como Guimarães e Boruchovitch (2004, p. 143), “a motivação no contexto escolar tem sido avaliada como um determinante crítico do nível e da qualidade da aprendizagem e do desempenho escolar”. Para os autores é de suma importância a motivação do professor, podendo esta influenciar ou afetar de forma positiva ou negativa no ambiente escola, o modo de pensar e o desenvolvimento do aluno. O fato de utilizar rubricas pode tornar mais explícito o objetivo por de trás das diversas atividades que são apresentadas aos estudantes no decorrer do ano letivo. Dessa forma, o estudante pode sentir-se engajado em relação as atividades.

Uma percepção bem recorrente, analisada através dos relatos, foi quanto aos benefícios da utilização de rubricas no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Muitos cursistas relataram como um destes benefícios a construção da autonomia do aluno ao longo do processo de aprendizagem. Uma das bases para a construção e aplicação das rubricas é, exatamente, a possibilidade dos alunos em participar do processo desde a elaboração dos critérios e/ou categorias a serem avaliados, bem como a utilização da mesma durante o processo. Essas constatações ficaram evidentes nos trechos que seguem:

R.V.P. - o aluno se torna um agente da sua aprendizagem e não somente aquele que recebe os conteúdos de forma passiva.

G.E.M.D.O - A avaliação com rubrica ajuda o aluno a interagir melhor com seu cotidiano, relacionando a teoria com a prática.

A.C.A. - A avaliação com rubrica dá autonomia ao aluno, ao participar e interagir nas estratégias de aprendizagens e ensino, e acompanhar seu próprio desempenho.

Pensar no desenvolvimento da autonomia do aluno durante o processo de ensino-aprendizagem é importante para que os estudantes exercitem a capacidade de tomar decisões de modo espontâneo e baseadas em informações disponíveis. Nesse sentido, o professor é o grande intermediador desse trabalho, e ele pode contribuir para a promoção

de autonomia dos alunos ou para a manutenção de comportamentos de controle sobre os mesmos (BERBEL, 2011).

A autonomia do aluno se reflete no processo de ensino quando ele assume uma responsabilidade pelo desenvolvimento desse processo e pela avaliação da sua aprendizagem (PEIXOTO; CARVALHO, 2011). Carvalho *et al.* (2017, p.07) vão na mesma direção quando apontam que “o aluno autônomo é o grande responsável pelo seu aprendizado, esse aluno deve ter uma atitude de pesquisa, criar e resolver problemas, buscar informações para obtenção do conhecimento”. Cruz e Nunes (2009, p. 2) em suas pesquisas sobre a utilização de rubricas na avaliação explicam que essa estratégia avaliativa apresenta, além de benefícios para o processo de ensino e aprendizagem em si, fator potencial para a construção da autonomia do aluno, pois:

Vislumbra o comprometimento de todos os sujeitos com o processo de aprendizagem, por meio do qual o aluno não mais memoriza o conteúdo para realizar exames pontuais, mas passa a tomar consciência de suas dificuldades refletindo acerca de suas ações; requer acompanhamento constante do professor orientando atividades e tarefas, fazendo provocações para que o aluno possa refletir e adquirir autonomia no sentido de criticar, intervir, desafiar, criar e co-criar (CRUZ; NUNES, 2009, p. 2).

Além do desenvolvimento da autonomia do aluno dentro do processo de ensino e aprendizagem, a avaliação por rubricas, possibilita que professor e aluno se tornem agentes que trabalham em conjunto para acompanhar o seu desenvolvimento. Essa afirmação ficou evidente nos trechos que seguem:

I.R.S.S.H. - Na avaliação por rubricas, professor e aluno podem acompanhar o desempenho e rendimento no processo ensino/aprendizagem.

C.S.R.M. - O legal é que ela ocorre de forma dinâmica, onde o professor e o aluno acompanham o processo de aprendizagem, fugindo do tradicional.

I.F. - Ao utilizar a rubrica conseguimos fazer um trabalho em conjunto, onde a participação do aluno está ativa.

Carvalho *et al.* (2017, p. 06) explicam que ao trabalhar colaborativamente desde o processo de ensino até o processo avaliativo, professor e aluno desenvolvem muitas competências que refletem diretamente na qualidade didático-pedagógica, pois “o discente não aprende a partir de um professor, mas através dele, orientado por ele”. Santos (2002, p 25), a partir de sua pesquisa explica que a participação do aluno na tomada de decisões é muito importante para o processo da construção do conhecimento. Essa postura participativa visa, também, “a construção e conquista da cidadania e da autonomia do

aluno enquanto sujeito cognoscente e enquanto pessoa”. Perceba-se mais uma vez que, os cursistas ao trazer essa percepção à tona, podem estar se apropriando e talvez, convencidos da importância de utilizar meios variados para acompanhar a avaliação da aprendizagem de suas turmas.

Sobre a construção das rubricas para a avaliação, Vernier *et al.* (2018) explicam que uma construção coletiva e participativa com os estudantes reflete resultados mais satisfatórios no processo de aprendizagem. Biagiotti (2005) ao apresentar as características ideais para a construção de rubricas cita a “transparência”. A partir deste conceito, “as rubricas conseguem tornar o processo de avaliação tão transparente a ponto de permitir ao aluno o controle do seu aprendizado” (BIAGIOTTI, 2005, p. 3).

Em relação aos benefícios do uso das rubricas no processo avaliativo, houve manifestações que vão desde o desenvolvimento dos alunos e suas aprendizagens até benefícios atribuídos ao professor e suas práticas. Isso porque a partir da avaliação por rubricas, o professor pode, ao mesmo tempo em que avalia seus alunos, avaliar seu próprio método de ensino, realizando a autoavaliação docente. E isso ficou claro nas falas destacadas na sequência:

L.T.A. - permite ao professor traçar novas estratégias de aprendizagem aos seus alunos;

C.B.M. - a construção de rubricas desenvolve diversas habilidades por parte dos professores;

Nesta análise depara-se com uma possibilidade muito interessante que pode ser aplicada às rubricas, para além da avaliação da aprendizagem do aluno: a avaliação do professor, seus métodos e objetivos traçados. Sobre essa possibilidade, Cruz e Nunes (2009, p. 08) relatam que avaliar compreende não só a promoção da aprendizagem dos alunos, mas a melhoria e manutenção da ação pedagógica. Para que os alunos se sintam estimulados nesse processo “os professores necessitam exercitar o seu próprio potencial criativo na construção de instrumentos voltados para a avaliação da aprendizagem”.

A autoavaliação docente é uma estratégia muito positiva pois, a partir dela, o professor consegue analisar de forma crítica suas práticas pedagógicas, apontando pontos que podem ser melhorados (FERREIRA; OLIVEIRA, 2015). Coelho e Rodrigues (2008, p. 50) explicam esta prática como “a apreciação que o docente faz do seu próprio desempenho, identificando oportunidades para o seu desenvolvimento profissional e, conseqüentemente, a melhoria dos objetivos traçados”.

Considera-se que a autoavaliação do professor é um importante elemento dos sistemas formais de avaliação de desempenho docente, já que se afigura como uma verdadeira metodologia para aprender continuamente a ensinar e, logo, como estímulo ao desenvolvimento profissional docente, o que se repercutirá, certamente, nas aprendizagens e nos resultados escolares dos seus alunos (FERREIRA; OLIVEIRA, 2015, p. 817).

Quanto a utilização de rubricas como recurso na avaliação somativa, muitos dos professores cursistas apontaram outros pontos positivos, principalmente no que se refere ao envolvimento do aluno no processo. Um exemplo está relacionado as habilidades e competências necessárias para obter um bom rendimento escolar, logo, uma avaliação positiva. Isso pode ser visualizado a seguir:

F.F. - permite dar a nota ao aluno de modo mais preciso, permitindo que os alunos entendam melhor suas notas, sabendo assim onde focar seus esforços para melhorar;

F.B.S. - Os alunos saem ganhando quando o professor usa a rubrica, pois o aluno entende melhor a sua própria nota em uma avaliação somativa;

P.A.S.V. - Na avaliação somativa, com a utilização da rubrica como ferramenta, o aluno toma conhecimento de seus erros e acertos e através de estímulos passa a estudar de forma sistemática, sente-se mais motivado.

C.B.M. - a rubrica é um importante recurso dentro da avaliação somativa, visto que a utilização de rubricas pode melhorar o desempenho dos alunos.

Nas pesquisas realizadas por Felício *et al.* (2013, p. 7) percebeu-se a grande aceitação por parte dos alunos quanto a utilização das rubricas no processo avaliativo. Para os alunos “as rubricas influenciam positivamente no empenho do aluno para a realização de uma atividade” e ainda apontam como fator positivo que “a rubrica avalia o aluno quanto ao conhecimento, habilidades e atitudes”. Em suas conclusões os autores descrevem que, além de ser um fator positivo no desempenho dos alunos as rubricas também influenciam positivamente na motivação e empenho destes para atingir a máxima pontuação.

O uso das rubricas, além de beneficiar os alunos no processo avaliativo, estimulam que estes assumam responsabilidades sobre o desenvolvimento de sua aprendizagem “motivando-os a participar das atividades e gerenciar seus percursos” (CRUZ; NUNES, 2009, p. 4). Não obstante, Ferraz (2019, p. 36) afirma que a utilização das rubricas pode facilitar o processo avaliativo, melhora o desempenho e “ajudam os alunos a se tornarem juízes mais atentos sobre a qualidade do seu trabalho”.

Ainda sobre os benefícios da utilização das rubricas dentro da avaliação somativa, destaca-se outras percepções dos cursistas, tais como:

F.F. - Ao utilizarmos a rubrica como recurso avaliativo temos a oportunidade de fornecer um feedback ao aluno de maneira objetiva e gradativa;

F.B.S. - a rubrica pode ser uma forma de fugir do estilo tradicional;

P.A.S.V. - Na avaliação somativa, com a utilização da rubrica como ferramenta, o aluno toma conhecimento de seus erros e acertos e através de estímulos passa a estudar de forma sistemática, sente-se mais motivado;

S.S.E. - A rubrica é uma ferramenta que indica, em uma escala, as expectativas específicas para uma determinada tarefa, [...] em linhas gerais, as rubricas são uma ferramenta para quantificar observações qualitativas. [...] permite dar nota de modo mais preciso, justo e confiável.

N.G.M. - Noto que, avaliar por rubrica é ver a avaliação como um processo, avaliando todo o percurso, erros, acertos, dificuldades, facilidades, como também, permite dar nota de modo mais preciso, justo e confiável.

Para Marcheti (2020, p. 60) “construir uma rubrica é criar um documento que articula expectativas e objetivos da avaliação numa lista de critérios que auxiliará na descrição de níveis de qualidade no processo avaliativo tanto docente quanto discente”. Roldão e Ferro (2015) explicam que a avaliação faz parte do grande processo de ensino e aprendizagem, devendo estar integrada ao planejamento docente.

Para Ferraz (2015, p.30) “a avaliação somativa proporciona ao professor realizar balanços ao término de cada conteúdo, módulo ou até mesmo semestre ou ano letivo”. O uso das rubricas favorece não só o aprendizado do aluno, mas facilita a avaliação por parte do professor, funcionando como um importante instrumento de avaliação somativa, favorecendo o envolvimento dos alunos do processo de ensino, aprendizagem e avaliação (ANDRADE; SADDLER, 2004).

A partir das codificações realizadas durante a análise de dados, observa-se, conforme a figura 2, palavras chave que demonstram a percepção dos professores sobre a avaliação somativa utilizando o recurso rubricas.

Considerações finais

As rubricas são ferramentas que podem ser utilizadas como uma potente estratégia de avaliação somativa, desvinculando a visão de um método tradicional e engessado, colaborando para a aplicação de uma avaliação equilibrada e justa. O objetivo desta pesquisa foi identificar como os professores percebem a utilização das rubricas como uma estratégia para a avaliação somativa. Após análise dos dados fica evidente, que na percepção dos professores, as rubricas apresentam benefícios quando utilizadas para e no processo avaliativo. Benefícios estes atrelados não só ao processo de ensino e aprendizagem, mas em relação ao desenvolvimento do protagonismo e autonomia do aluno.

Questões sobre o desenvolvimento da autonomia do aluno dentro do seu processo de ensino e aprendizagem foram levantadas e discutidas, concluído que quando os alunos participam do processo ativamente, desde a construção das rubricas até a aplicação das propostas avaliativas, os resultados são geralmente positivos pois o aluno consegue acompanhar o desenvolvimento de sua aprendizagem e compreender o processo como um todo. Tal fato pode se dar porque os alunos sentem-se motivados e engajados a alcançar os objetivos traçados, gerenciando a sua trajetória, capazes inclusive de realizar uma auto-avaliação do seu desempenho.

Outra questão trazida para discussão foi a utilização das rubricas para avaliação não só dos alunos, mas da atuação do professor. As rubricas possibilitam essa autoavaliação por parte do professor, levando a reflexão sobre as ações pedagógicas, possibilitando melhorias que serão refletidas diretamente na aprendizagem e resultados apresentados pelos alunos.

Entende-se, a partir da análise desta pesquisa, que a utilização das rubricas como instrumento de avaliação somativa é benéfica a todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. As rubricas potencializam o processo avaliativo ao promover uma percepção justa e confiável, sendo eficientes ao atribuir notas para o desempenho dos alunos em determinada atividade ou período letivo.

Indicam-se como possibilidades de continuação dessa pesquisa, acompanhar a utilização de rubricas por professores da educação básica, de forma a compreender de que forma ocorre a aceitação das rubricas pelos estudantes. Da mesma forma, pode ser importante observar o processo de construção colaborativa de rubricas entre professores e estudantes, a fim de visualizar possíveis dificuldades e poder propor estratégias com a finalidade de auxiliar a implantação desse instrumento de avaliação nas salas de aula.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, H.; SADDLER, B. **The Whiting Rubric**. 2004. Disponível em: <http://www.ascd.org/publications/educational-leadership/oct04/vol62/num02/The-Writing-Rubric.aspx>. Acesso em: 11 nov. 2020.
- ANDRIOLA, W. B.; ARAÚJO, A. C. Potencialidades da avaliação formativa e somativa. **Revista Eletrônica Acta Sapientia**, v. 5, n. 1, p. 15-15, 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.
- BIAGIOTTI, L. C. M. Conhecendo e aplicando rubricas em avaliações. In: **Congresso Brasileiro de Educação a Distância**. p. 01-09, 2005.
- CAMARGO, C. A. C. M.; CAMARGO, M. A. F.; DE OLIVEIRA SOUZA, V. A importância da motivação no processo ensino-aprendizagem. **Revista Thema**, v. 16, n. 3, p. 598-606, 2019.
- CARVALHO, A. D. S.; OLIVEIRA, V. I.; GUEDES, A. C. B. S.; MARTINS, J. L. Gestão da Aprendizagem, Proatividade e Autonomia dos Discentes: Novas Práticas. **Aturá-Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 1, n. 3, p. 175-188, 2017.
- COELHO, A. C.; RODRIGUES, A. P. **Guia de avaliação de desempenho docente**. Lisboa: Texto, 2008.
- CRUZ, N. K. S.; NUNES, L. C. Delineando rubricas para uma avaliação mediadora da aprendizagem em educação online. In: **Congresso Internacional de Educação a Distância**. 2009.
- DEMO, P. **Mitologias da Avaliação**: de como ignorar, em vez de enfrentar os problemas. 3ª edição. Campinas, SP. Autores Associados, 2010.
- FELÍCIO, A. C.; CARITÁ, E. C.; OLIVEIRA NETO, J. D. **Percepção discente quanto à utilização de rubricas para avaliação da aprendizagem**. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jose_Oliveira_Neto/publication/260061194_Percepcao_Discente_Quanto_a_Utilizacao_de_Rubricas_para_Avaliacao_da_Aprendizagem/links/5697dc1f08aea2d74375cc54/Percepcao-Discente-Quanto-a-Utilizacao-de-Rubricas-para-Avaliacao-da-Aprendizagem.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.
- FERNANDES, D. Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens. **Estudos em avaliação educacional**, v. 19, n. 41, p. 347-372, 2008.
- FERRAZ, R. P. F. **Avaliação como processo de aprendizagem: uma experiência com o uso de rubrica**. 2019. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FERREIRA, C. A.; OLIVEIRA, C. Auto-avaliação docente e melhoria das práticas pedagógicas: percepções de professores portugueses. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 26, n. 63, p. 806-836, 2015.
- FREITAS, S. L.; DA COSTA, M. G. N.; DE MIRANDA, F. A. Avaliação Educacional: formas de uso na prática pedagógica. **Revista Meta: Avaliação**, v. 6, n. 16, p. 85-98, 2014.

GUIMARÃES, S. É. R.; BORUCHOVITCH, E. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 2, p. 143-150, 2004.

GIL, A. C. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2006.

HOFFMAN, J. M. L. Avaliação: um estado de alerta permanente sobre o significado da ação educativa. **Educação e Seleção**, n. 20, p. 57-61, 2013.

KRAEMER, M. E. P. Avaliação da aprendizagem como construção do saber. **In: V Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3kJ1Web>. Acesso em: 29 out. 2020.

LÜDKE, M. **O trabalho com projetos e a avaliação na educação básica**. Práticas avaliativas e aprendizagens significativas. Porto Alegre: Mediação, p. 67-80, 2003.

MARCHETI, A. P. C. RUBRICAS: um importante instrumento para correção de desempenho discente. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 6, n. 16, p. 58-76, 2020.

MORAN, J. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. S. YAEGASHI e outros (Orgs). **Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, p. 23-35, 2017.

MOURÃO, J. **Processos Avaliativos em Educação**. Belo Horizonte: Educaethos, 2019.

PEIXOTO, J.; CARVALHO, R. M. A. Autonomia do aluno no Ensino Superior a Distância. **Colabor@-A Revista Digital da CVA-RICESU**, v. 7, n. 26, 2013.

ROLDÃO, M. C.; FERRO, N. O que é avaliar? Reconstrução de práticas e concepções de avaliação. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 26, n. 63, 2015.

ROMANOWSKI, J. P., WACHOWICZ, L. A. **Processos de ensinagem na universidade: Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. In: ANASTASIOU, L. G. C. SC: UNIVILLE, 2003.

TARAS, M. De volta ao básico: definições e processos de avaliação. **Práxis Educativa**, v. 5, n. 2, p. 123-130, 2010.

SANTOS, J. C. **A participação ativa e efetiva do aluno no processo ensino-aprendizagem como condição fundamental para a construção do conhecimento**. 2002. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VERNIER, F. S. P.; FURNIEL, G.; MIRANDA, M.; SILVA, P. L.; HAUFMANN, P. S.; AMARAL, R.; MARTINS, R. M.; RAMOS, R. M. P.; ARAUJO, T. D. A. **Rumo a BNCC: Avaliação por Rubricas**. Sistema Anglo de Ensino, 2018. Disponível em: <http://anglosolucaoeducacional.com.br/wp-content/uploads/2018/12/Ebook-5-Avaliac%CC%A7a%CC%83o-por-Rubricas.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2020.

Submissão: 16/08/2022. **Aprovação:** 26/09/2022. **Publicação:** 20/08/2023.